

A SUBORDINAÇÃO

Malrum Cram entrou em casa e despiu o casaco em silêncio. Abraçou Zíria demoradamente enquanto Guevin os espiava pelo canto do olho. Havia dias que a tensão crescia e os pais já nem tentavam esconder a preocupação.

Os dezasseis anos eram um marco na vida de todos os jovens, rapazes ou raparigas do reino de Petzet, assim o decretara o Chefe Supremo. Cada uma das aldeias, e Petzum não era excepção, ia ficando sem os habitantes adolescentes que tivessem uma boa compleição física e fossem saudáveis. O treino no exército era obrigatório, houvesse perigo de guerra ou não, e a desobediência era punida de forma atroz.

Guevin soube, pelo silêncio que envolveu a refeição da noite, que o recrutamento chegara à sua aldeia. Comeu devagar e tentou imaginar como seria não estar ali, naquela casa, naquela rua, no meio dos vizinhos.

Uma forte pancada na porta acordou-o dos seus pensamentos. Os pais hesitaram, olhando-se em desespero. Fugir? E a punição? Não adiantava...

Malrum avançou em passos pesados para a porta e abriu-a. Entraram três soldados, comandados por Siridgum Prop.

— Sabes ao que venho, não adianta perder mais tempo. O rapaz tem as coisas prontas?

Guevin ia responder que não, mas a mãe foi até ao grande armário que estava à entrada e tirou de lá uma trouxa. Pensara em tudo, reparou Guevin. Siridgum Prop fez um ligeiro aceno com a cabeça e retirou-se. Esperaria por ele na rua.

— Eu não quero ir... Não quero servir Oligum Prik!

— Não há alternativa, Guevin, não resistas, só te ias prejudicar. — O pai não parecia acreditar em nenhuma das palavras que articulava. — Não havendo guerra, deixam-te vir para casa ao fim de dois anos.

— Pensa em nós — disse a mãe, deixando que as lágrimas começassem a cair.

Guevin abraçou-os. Tantas vezes pensara que iria escapar... Chegou a tentar ser magro de mais, até mesmo aleijar a mão direita!

As despedidas duraram apenas breves minutos, pois ouviam-se as vozes do outro lado da porta. Guevin enxugou a cara e olhou os pais, sentindo, de repente, um cansaço imenso. Voltaria a vê-los? Saiu para a rua, onde Siridgum Prop o esperava e, sem comentários, acompanhou o grupo de recrutamento.

Pararam em várias casas. Guevin sabia que seriam levados todos os que, naquele ano, tivessem completado os dezasseis. Não sentia as pernas, mexia-se como um autómato e os gritos e choros das famílias cortavam-lhe o coração. Tentava só pensar que dois anos era pouco tempo, fingindo acreditar.

Numa das últimas habitações antes de Petzum terminar e dar lugar à vegetação rasteira, vivia Míria Blupt, uns meses mais velha, que sempre conhecera. Percebeu pelo barulho que ela resistia a ser levada. No meio da atrapalhação, surgiu o seu corpo franzino mas ágil, os cabelos lisos e louros, tudo numa agitação de braços e força. Os irmãos apareceram à porta, a mãe chorava.

Guevin sabia o porquê de tanta resistência. Míria perdera o pai há cerca de um ano e era-lhe difícil deixar a mãe sozinha. Ao ser arrastada para fora da casa, deu várias pancadas em móveis e na porta. Só parou ao encarar Siridgum Prop. Este nada lhe disse, mas o efeito que a sua presença teve sobre a rapariga pareceu mágico. Só então Guevin reparou que o Comandante era, de facto, um homem invulgar. Muito alto e de músculos bem desenhados, não teria mais que vinte e cinco anos. No entanto, os olhos verdes inspiravam uma estranha calma e, talvez, confiança. Que perigo!, pensou Guevin.

Não havendo mais ninguém para recrutar, o grupo começou o trajecto de volta ao Campo de Treino. Guevin, enquanto se afastavam, ainda olhou para Petzum. Podia ver a sua casa. Em todas as portas havia gente que os observava. Foi então que ouviu o choro de Míria. Chegou-se mais a ela.

— São só dois anos, tens de pensar que são só dois anos.

— Se não houver guerras, se aguentarmos os treinos, se ninguém nos matar por uma razão estúpida...

Guevin sorriu. Míria pintava o pior cenário possível.

— Estás magoada? — perguntou ao vê-la friccionar o braço.

— Vou ficar às manchas. Talvez me devolvam por não prestar...

— Os meus pais só me falaram nisto uma única vez, acreditas? Era uma espécie de segredo, sei lá, como se falar nisto fosse perigoso.

— As últimas palavras que o meu pai disse antes de morrer foram sobre o Campo de Treino. Pediu-me que não fosse. Como é que eu podia não vir?! A minha mãe ia sofrer as consequências.

— Não podemos fazer nada...

— Acerca disso já não tenho assim tantas certezas. É só haver uma hipótese e eu juro que me hei-de livrar disto!

Guevin olhou para Míria num misto de medo e admiração. Talvez fosse o que todos pensavam, mas até onde poderiam ir?

O caminho até ao Campo de Treino era longo e sinuoso, pois este ficava no sopé das montanhas Petgib, que separavam os reinos de Petzet e Gibid. Chegariam já pela madrugada, o que era, certamente, propositado. Assim, pensou Guevin, o primeiro dia era vivido debaixo de um cansaço que os impediria de contestar. Arrepiou-se ao pensar que iriam conhecer, finalmente, o tão temido Comandante Zosh Letifar.

Siridgum Prop, a certa altura, parou, deixando passar o grupo enquanto os observava um a um. Todos, sem excepção, baixavam os olhos ao passar pelo Comandante. Como Guevin e Míria eram os últimos, Siridgum seguiu logo atrás deles. Míria arrepiou-se, Guevin decidiu não falar mais. O Comandante percebeu que os dois jovens tinham medo dele. Sorriu na escuridão.

★ ★ ★

Tigre entrou nas grutas com a respiração alterada. Percebia-se que fizera um grande esforço para lá chegar. As montanhas Petgib eram impiedosas para caminhantes apressados, pensou.

Fez o longo caminho até à gruta principal em passo arrastado. Ali podia andar mais devagar. Ouviu a tosse de Siri e viu-a surgir de uma das entradas para aquela zona. Ela alegrou-se ao vê-lo.

— Já te disse que não gosto que faças batota, Tigre. Entrar no Fluxo de Energia nesse estado é demasiado fácil para aprenderes o que precisas de aprender.

— Não é batota, tu sabes. Não queria ser seguido e há várias horas que não descanso.

— Senta-te um pouco. Eu tenho consciência de que a tua vida não é fácil, mas acredita que sei do que estou a falar.

— Diz-me o que sabes sobre as intenções de Oligum Prik. A Léxia veio cá?

Siri encolheu os ombros.

— Nem sempre as coincidências são as que mais queremos. Desencontraram-se por poucas horas.

Tigre suspirou. Cruzou os braços como se quisesse aquecer-se.

— Mas trouxe informações?

— Trouxe — confirmou Siri. — O Chefe Supremo Oligum Prik está cada vez mais refinado. Planeia simular uma ofensiva de Gibid para poder atacá-los. No entanto, isso não vai poder ser feito assim tão cedo. Faltam tropas, como deves saber.

— Sim. O recrutamento deste ano foi bastante bom, mas nos anos anteriores não. O exército tem agora muitos soldados, mas a maioria não sabe sequer o que é uma espada.

— Mas há mais. O Conselheiro... o terrível Bajari Stof tem cada vez mais poder.

— Isso já era de esperar — comentou Tigre. — Esse canalha alimenta as ideias de Oligum Prik como se...

— Como se fosse possível um dia tirar-lhe o lugar. Deve ser essa a força que o move. Léxia é da mesma opinião.

— Achas que poderíamos contar com o apoio de Gibid se enfrentássemos Oligum?

— Talvez, talvez... Sempre se falou que os dois reinos deviam estar unidos. Pode haver vantagens para eles. — Siri não parecia muito crédula. Levantou-se com dificuldade. A sua avançada idade não lhe permitia mexer-se depressa. Tigre pensou que seria incapaz de saber quantos anos tinha. Sempre a conhecera assim, muito velha.

— Não estás bem? — inquiriu Tigre.

— Nada de especial. É a ferrugem... Vamos continuar o teu treino. Como tem sido a ligação ao Fluxo de Energia?

— Quando estou sozinho, é tão simples que chega a ser desconcertante. Na presença de outros, já não.

- Passas muito tempo rodeado de pessoas más.
- Tu mesma me ensinaste que não há pessoas más!
- Digamos antes: pessoas transitoriamente más.

Tigre riu-se da solução que Siri arranjava.

— Preferia ter-te sempre aqui por perto. Acho que ajudavas mais a Resistência e não enfraquecias entre os treinos.

— Não pode ser, Siri, tu sabes. Cada um de nós faz o seu trabalho. O meu é importante onde estou, sendo quem sou, fazendo o que faço.

— Mas tu és o chefe da Resistência.

— Mas tenho a minha missão.

— Então traz-nos mais pessoas...

— Talvez, talvez...

Tigre já estava de pé, de pernas ligeiramente afastadas, mãos atrás das costas e os olhos fechados. As inspirações profundas traziam-lhe paz e força. Siri observava. Não queria enchê-lo com a sua energia antes de ele absorver toda a que conseguia sozinho. Tigre sentiu-se entrar no Fluxo. Tudo o que havia à sua volta lhe era conhecido e, como sempre, as imagens começavam a surgir dentro da sua cabeça. Siri mantinha-se à espera.

Ele viu, reproduzidas na sua mente, coincidências importantes, num jogo arquitetado entre o que pretendia fazer e o caminho para o obter. O treino exigia que esta recapitulação se fizesse a cada meditação para que estivesse sempre em contacto com a maravilhosa sincronicidade do Fluxo. Viu alguns rostos de pessoas fortes que poderia trazer para a Resistência. Depois, ligou-se a Trefin e sentiu-o. Sabia que ele também teria consciência da sua presença. Recebeu algumas imagens que Trefin produzia para que ficasse informado dos seus passos na batalha contra o Chefe Supremo. Em seguida, ligou-se a Léxia. Os pensamentos pareciam algo confusos. Sentiu que se escondia, que fugia. Siri via o mesmo que ele.

— Não te apoquentes. Sei que irá chegar ao seu quarto sem qualquer percalço. Continua.

Tigre encheu o peito de ar e tentou aliviar a tensão que o dominava. Teve então acesso a outras imagens muito claras vindas de Léxia. Confirmou aquilo que Siri já lhe dissera e viu outras cenas. Oligum Prik olhava-a de uma forma estranha. Tigre agoniou-se. Estaria Oligum a pensar seduzi-la?!

A concentração interrompeu-se de repente. Tigre abriu os olhos e repousou-os sobre Siri, que sorria.

— Não queiras ser indiferente ao que se passa, mas não deixes que os teus sentimentos comecem a intrometer-se no treino — aconselhou Siri, mas ele nem ouviu.

— Achas possível que aquele escroque esteja a querê-la para si? Ela não passa de uma criada!

— E desde quando é que isso é um entrave? — perguntou Siri. — Léxia é uma mulher forte, não vai acontecer-lhe nada. Volta ao estado em que estavas. Preciso que pratiques a viagem no tempo, para o futuro.

— Estou cansado...

— Mais uma razão.

E Siri não lhe deixou margem para negociar. Tigre sentou-se numa rocha, fechou os olhos e ligou-se novamente ao Fluxo de Energia. Passados alguns segundos, estava pronto a projectar-se no futuro e ver o que o esperava. Restava saber se conseguiria entender o que ia ver.

★ ★ ★

Karti e Nokrim eram os parceiros de Guevin e Míria. Não podiam parar, eram essas as ordens. Em grupos de quatro, os recém-recrutados teriam de correr à volta do Campo de Treino pelo lado de dentro. O problema era o perímetro ser tão extenso e nenhum deles estar fisicamente preparado para aquele esforço.

Nokrim estava no seu segundo ano no exército. Via-se que o corpo seco escondia músculos treinados. O que o impedia de ser mais bem-sucedido era o castigo que sofrera nos últimos dias por se opor a uma ordem do Comandante Zosh Letifar. Isso custara-lhe duas semanas quase sem comida e às escuras.

Guevin começou a sentir que as pernas não lhe obedeciam. Tinha de parar!

— Não penses sequer em hesitar! — gritou-lhe Nokrim. — Dá tudo por tudo. Vais ver que alguma coisa te ajuda.

Míria olhou para Guevin com um ar estranho. Que raio de conversa era aquela? A verdade era que Guevin estava já a tropeçar nas próprias botas. Ela agarrou-o pelo braço e puxou-o.

— Não pares...

Nesse preciso instante, uma carroça perdeu uma roda. O grupo parou ao vê-la passar desgovernada e, pouco depois, viu surgir a carga que se espalhava em todas as direcções, para desespero do soldado que guiava a carroça.

— Eu não disse? — perguntou Nokrim. — Sei que acontece, mas espanta-me sempre como se fosse a primeira vez...

Míria e Guevin entreolharam-se. O que ele dizia não fazia sentido, mas Guevin agradeceu o poder parar, dobrar-se para apanhar as maçãs e recuperar o fôlego.

Siridgum Prop apareceu. Olhou para os quatro que recolhiam a carga e para a roda que parara um pouco à frente. Sem comentários, advertiu:

— Logo que terminarem, prossigam. Fazem mais uma volta.

— Sim, Comandante — responderam todos ao mesmo tempo.

Assim que ele desapareceu por trás de uma das grandes tendas, Karti e Guevin sentaram-se no chão. Os caracóis da rapariga estavam encharcados em suor e ficavam ainda mais escuros do que antes. Os outros, sem protestar, devolveram todas as maçãs ao soldado e ajudaram a pôr a roda no sítio. Quando este olhou na direcção dos dois que descansavam, Nokrim atalhou:

— Não diga nada. É o primeiro dia.

O soldado ficou calado. Míria podia apostar que ele iria fazer queixa, mas Nokrim não tinha dúvidas — permaneceria em silêncio.

Acabado o serviço, o grupo recomeçou a corrida.

— Fantástico! Lindo! — dizia Nokrim para si mesmo.

Míria fez sinal a Guevin que Nokrim devia ser doido. Faltava uma volta. As pernas tremiam de cansaço, mas todos se sentiam mais capazes de ir até ao fim.

Ao chegarem ao local onde já todos os grupos os esperavam, Siridgum Prop deu ordens para que se sentassem no chão. Foi a ordem executada mais rapidamente naquela tarde. Os jovens arfavam e limpavam o suor às mangas. Guevin pensava como era possível o treino de rapazes e raparigas ser exactamente igual. Seria uma forma de as seleccionar?

Ao verem que o Comandante se mantinha em silêncio e numa postura de respeito, os recrutas perceberam a razão da paragem: o som das botas de Zosh Letifar já se fazia ouvir. Mesmo sentados, todos eles se endireitaram, imitando Siridgum Prop.

Letifar fez a sua entrada com os tiques dos poderosos. Circulou pelo meio das tropas com uma pose desafiadora e não hesitou em dar um pontapé numa rapariga a quem as costas fraquejavam. Karti ia dizer qualquer coisa, mas Nokrim abriu-lhe os olhos. Isso nunca!, parecia dizer-lhe.

Os dois Comandantes ficaram então frente a frente. O que disseram não pôde ser ouvido por nenhum dos jovens, pois o tom de voz era quase o de um sussurro. Podia ler-se, no rosto de Siridgum Prop, alguma discordância, ou talvez um sentimento de estar a ser dominado. Era óbvio que não gostava de receber ordens. Qual dos dois seria pior?, pensou Guevin.

Quando Zosh Letifar abandonou o local, Prop afastou as pernas e começou a falar. As instruções transmitidas tinham a ver com o horário dos treinos, as tarefas rotativas, as refeições, as interdições. Ao falar no respeito pelos superiores, os seus olhos demoraram-se em Nokrim que, estranhamente, não vacilou. Guevin ficou impressionado com esta atitude.

Siridgum Prop continuou. Explicou-lhes que iniciariam de imediato o treino com espada. Cada um deveria ir buscar a sua e voltar àquele local o mais rápido possível.

No trajecto, feito a correr, até ao sítio onde se guardavam as espadas, Guevin não se conteve.

— Ele estava a dizer-te claramente para te portares bem e tu nem sequer...

— Nem sequer quê?! Queres que ponha um ar de arrependido? Era só o que faltava! Eu sei o que estou a fazer.

— Sabes? — perguntou Míria, pegando numa espada.

Nokrim não lhe respondeu. Riu-se e correu de regresso ao sítio onde Siridgum Prop os esperava. Os outros imitaram-no. Nesta parte do treino, Nokrim estava em clara vantagem, assim como todos os que estavam no segundo ano de preparação. Guevin ficou com ele grande parte da tarde e teve a certeza de que, se alguma vez o defrontasse em batalha, duraria apenas uns escasos minutos.

★ ★ ★

O palácio de Oligum Prik, em Am-Petzet, poderia ser descrito como um edifício de mau gosto e de uma ostentação

desmedida. Durante a noite, sentinelas mantinham acesos os archotes que iluminavam toda a fachada como se alguém, a essa hora, pudesse estar interessado em observar os arabescos rebuscados que torneavam as janelas.

Léxia preparava-se para se retirar. Os seus dias de trabalho para o Chefe Supremo variavam entre ser uma escrava na cozinha, servi-lo frente a convidados e fazer pequenos recados. Tendo caminhado na véspera até às grutas da Resistência, sentia-se exausta e soltou o cabelo no preciso momento em que abriu a porta do seu modesto cubículo.

— Um dia vou descobrir para onde vais nos teus dias de folga.

Léxia, treinada para manter o controlo das suas emoções, deixou que o coração se acalmasse. Conhecia bem aquela voz — era Bajari Stof. Ele surgiu então perto da candeia que iluminava o corredor, exibindo um sorriso cínico.

Sempre com a mão na maçaneta da porta, para que pudesse refugiar-se dentro do quarto se fosse necessário, Léxia encarou-o. Sabia que o seu ar sereno deixava o Conselheiro fora de si.

— Ia agora dormir. O Chefe Supremo mandou chamar?

— Que eu saiba, não és pertença dele. Se eu precisar de ti...

— Pode sempre pedir a Oligum Prik que me dispense, claro.

Bajari cofiou a barba.

— És atrevida e mentirosa!

Léxia sorriu. Vindo dele, isto era, sem dúvida, um elogio. Foi então que, mesmo ao lado da porta, se agitou a sineta que o Chefe Supremo mandara instalar para a chamar. Léxia voltou a fechar a porta, fez um aceno de cabeça ao Conselheiro e seguiu pelo corredor até às escadas.

Bajari Stof ficou encostado à parede. Assim que a viu desaparecer, abriu a porta do quarto e entrou. Estava decidido a descobrir o que aquela jovem mulher escondia. Léxia parou a meio da escada, fechou os olhos e concentrou-se. Ao ter a certeza que o Conselheiro vasculhava os seus pertences, voltou para trás sem hesitação, escancarando a porta. Bajari endireitou-se e encolheu os ombros. Saiu do quarto à frente dela sem um único comentário.

Entraram no salão de Oligum Prik ao mesmo tempo.

— Ainda bem que vêm os dois. Chamei a Léxia, mas a verdade é que também preciso de falar consigo, Bajari.

— O que desejais, senhor? — perguntou Léxia.

— Arranja-me um chá de tília. Com as notícias que acabo de receber, sinto que vou ter problemas para adormecer.

Léxia fez uma pequena vénia e retirou-se. O Conselheiro esperou até estarem sozinhos para falar sobre aquela criada.

— Não me parece boa ideia que esta mulher lhe seja tão próxima, Oligum.

— Ora! Então porquê?

— Já reparou que, nos dias de folga, ela desaparece de Am-Petzet?

— Tem família noutra aldeia, sempre soube disso.

— Não confio nela.

— Deixe-se de coisas, Bajari. Vamos mas é falar de assuntos verdadeiramente importantes. Chegou o nosso espião de Am-Gibid.

— E como é que está a capital do nosso reino vizinho?

O Chefe Supremo riu a bom rir. A expressão do Conselheiro até parecia a de alguém genuinamente interessado.

— Pois devo dizer-lhe que tinha razão. A água escasseia e todo o povo parece debilitado.

— As montanhas Petgib são implacáveis... A chuva não passa para os lados deles, coitados — disse Bajari, com um esgar fingido. — Talvez esteja na altura de alargarmos o nosso território.

— Não vai demorar muito, não. Sinto que o momento se aproxima. A única coisa que me faz hesitar é a Resistência. Eles estão a crescer, sinto-o, mas onde?!

Léxia entrou nesse momento com um bule de chá e duas chávenas. Sabia muito bem que o Conselheiro detestava chá, mas sabia igualmente que Oligum o iria servir, ignorando este facto. Era uma pequena vingança...

— Eles andam a angariar gente e reúnem-se em segredo. O que me irrita é que ninguém consegue perceber para onde vão, quantos são, que aldeias dominam, nada!

Léxia sorriu por dentro. Chegara na altura certa, como sempre.

— Podíamos mandar seguir os suspeitos — aconselhou Bajari.

— Já o fiz mil vezes. Há sempre um momento, a meio caminho, em que os meus soldados os perdem de vista. Parece quase bruxaria!

— Posso retirar-me, senhor? — perguntou Léxia.

O Chefe Supremo olhou para a criada. Bajari Stof podia adivinhar os pensamentos que lhe iam na mente. Era um perigo, aquela relação doentia... Léxia, por seu turno, desejava ser dispensada. Sabia que, se o Conselheiro sáísse, Oligum começaria com os seus rodeios para a seduzir e estava demasiado cansada para lhe fazer frente. De qualquer forma, já ouvira o que precisava: ninguém da Resistência fora apanhado e o esconderijo mantinha-se intacto. Sentiu que o momento de se ir embora era aquele. Esperou serenamente.

— Podes — disse o Chefe Supremo, contrafeito.

Léxia saiu sem se despedir de nenhum dos homens, baixando apenas a cabeça ao cruzar a porta. Quando se estendeu na cama, depois de ter arrumado o pouco que Bajari desarrumara, fechou os olhos. Ligou-se ao Fluxo. Precisava de se recompor e de descansar. Adormeceu poucos minutos depois, ainda envolta numa energia reparadora.